

Movimento de Mulheres Camponesas

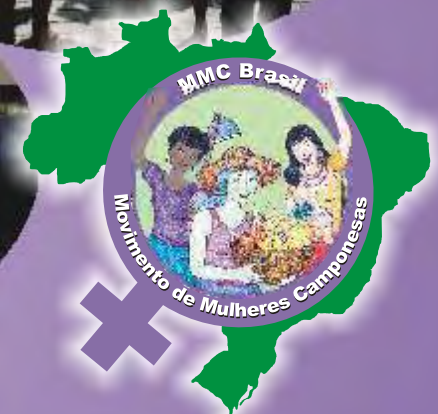
*Organizar a base,
produzir alimentos saudáveis,
construir caminhos de libertação*

Missão do MMC

A missão é a libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza nas lutas, na organização, na formação e na implementação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Lutamos por uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza.

*Organizar a base,
produzir alimentos saudáveis,
construir caminhos de libertação*

www.mmcbrasil.com.br



Movimento de Mulheres Camponesas

*Organizar a base,
produzir alimentos
saudáveis, construir
caminhos de libertação*



• **Publicação da**
• **Associação Nacional de Mulheres Camponesas (ANMC)**

• Elaboração:
• ANMC

• Fotos e ilustrações:
• Arquivo ANMC

• Projeto gráfico e capa:
• MDA Comunicação Integrada

• Impressão:
• Gráfica Passografic

• Apoio:



Secretaria Nacional da ANMC

• Rua Uruguai, 905 - Apto. 21 - Centro
• 99010-110 - Passo Fundo/RS
• Fone/Fax: (54) 3312 9683
• secretaria@mmcbrasil.com.br
• www.mmcbrasil.com.br

Apresentação

A libertação das mulheres será obra das próprias mulheres e fruto da ação organizada e coletiva, ou não haverá libertação!

Esta cartilha “**MMC: Organizar a base, produzir alimentos saudáveis e construir caminhos de libertação**”, é resultado de um processo coletivo de estudo e prática que as mulheres camponesas vêm realizando através de seminários, encontros e atividades relacionadas ao TRABALHO de BASE no MMC. Foi produzido pelo Movimento de Mulheres Camponesas para qualificar a reflexão do movimento nas várias formas de organização de base deste movimento.

A cartilha consta de três encontros de base, que visam debater e aprofundar alguns elementos sobre a importância da ORGANIZAÇÃO e TRABALHO DE BASE do MMC, articulados com o eixo da produção de alimentos saudáveis e à missão de luta pela libertação das mulheres e do povo e a transformação da sociedade, sendo assim organizados:

I Encontro: Mulher camponesa: resistência, sabedoria e defesa da vida!

II Encontro: Produzir alimentos: uma missão camponesa.

III Encontro: Organização e trabalho de base: alicerce do MMC.

No final da cartilha você encontrará ORIENTAÇÕES POLÍTICAS E METODOLÓGICAS para a realização de um bom trabalho de base junto com as mulheres camponesas.

É importante que o estudo seja desenvolvido no grupo para ajudar no entendimento do conteúdo e também buscar formas criativas de estudar com as famílias, organizando e fortalecendo nosso Movimento.

Esperamos que o conteúdo desta cartilha possa motivar e animar nossos grupos de base bem como, fortalecer a luta na construção de um novo projeto popular em nosso país.

Fortalecer a luta em defesa da vida! Todos os dias!

Coordenação Nacional do MMC
Setembro, 2007.

Dedicatória

**À memória das mulheres
para quem
o medo foi mais forte
que a própria vida...**

**Às que não gritam
e se tornam loucas**

**Às mulheres
que estão na luta,
porque venceram o medo**

**Todo medo do mundo
É infinitamente menor
que a nossa força.**

(Consuelo Lins)



1º Encontro

Mulher camponesa: resistência, sabedoria e defesa da vida!



Ambiente: Preparar antes do encontro um ambiente acolhedor, com a Bandeira do MMC, sementes, alimentos, frutos, flores, mudas (que podem ser trazidas pelas mulheres), símbolos e materiais do Movimento e da luta e um pote de barro. Também é necessário providenciar papel pardo ou cartolina, pincéis, pedaços de papel e fita adesiva.

Acolhida: Uma ou mais companheiras fazem a acolhida ao grupo, de forma bem alegre e descontraída e dando as boas vindas a cada uma que está presente. Em seguida coordena a Roda do Acolhimento a fim de que cada companheira se apresente e sinta-se acolhida e integrante do grupo e do encontro. A roda do acolhimento consiste numa roda onde todas ficam de mãos dadas e cada companheira entra no centro e diz: “Meu nome é, vim para este encontro para.....” Todas juntas repetem em voz alta o nome da companheira que se apresentou. “Fulana nós te acolhemos (dando um passo para dentro da roda), te damos espaço (voltando para trás) e seguimos em frente” (dando um passo em frente pela esquerda).

Mística: Já ter no espaço um ambiente que traga presente a nossa realidade, nosso dia a dia de mulheres camponesas e do Movimento de Mulheres Camponesas e um pote, se for de barro melhor. Com um fundo musical, cada companheira vai observando os símbolos, pega o pote e vai fazendo de conta que dentro daquele pote tem a sua vida. Assim cada uma, ao pegar o pote na mão, vai falando: Quem é, e como se sente sendo camponesa, o que gosta, o que não gosta, que idade tem, e o que mais

marca o dia-a-dia de mulher camponesa. Enquanto cada companheira fala, alguém vai escrevendo o nome das companheiras, que no final ficará ao lado do pote.

Após a fala de todas as companheiras, fica um cenário com o nome das várias companheiras no chão, o pote, histórias de luta, resistência e libertação das mulheres camponesas.

Dirigente -Vamos ler juntas companheiras!

Toma teu pote

Cacilda Mendes Peixoto

Mulher, toma teu pote e vai!

Não te prendas nas marcas deixadas em ti.

**Lembra-te de tuas entranhas geradoras que rompem as teias da morte
E te lançam no espaço da vida.**

Toma teu pote e vai. Não te permitas a anestesia

Que rouba a vontade de lutar, resistir e sonhar.

Tomando teu pote enche o mundo de afeto e ternura.

Faz exalar o perfume da vida que só tu podes provocar.

Dança, dança a canção da liberdade,

Dança a música da saudade,

Dança a dor que suavizou e a harmonia que se criou.

Apanha o teu pote, o meu, o nosso pote

Diz ao mundo que és forte,

Mostra que és mulher!

Canto: Mulher da Roça (Antônio Gringo) ou outro próprio de cada região.

O cotidiano da mulher camponesa

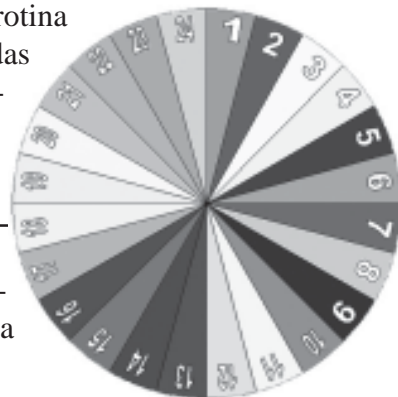
Dirigente - Companheiras! Neste encontro vamos lembrar a história de vida de cada uma de nós. Como é nosso dia-a-dia de trabalho em casa e na roça. Vamos pensar sobre nossa vida cotidiana, ou seja, a rotina e dinâmica que vai se estabelecendo em nossa vida no dia-a-dia.

Em pequenos grupos, por proximidade, vamos nos unir e conversar sobre a vida de cada uma de nós: um pouco da nossa história de vida ou os fatos que mais marcaram nossas vidas.

Em seguida, vamos representar nossa rotina diária, descrevendo as atividades realizadas durante as 24 horas do dia, através de palavras dentro de um relógio desenhado num papel pardo ou cartolina com pincel colorido, conforme o exemplo ao lado.

Deixar o grupo em torno de 15 minutos para fazer esta atividade e retomar em plenária onde cada grupo vai apresentar a construção feita.

Após a apresentação de todos os grupos, vamos aprofundar um pouco mais sobre nosso dia-a-dia de mulher camponesa.



Leitora 1: Um dos instrumentos para refletir a rotina diária é o relógio que desenhamos e colocamos as atividades do dia-a-dia dentro das 24 horas. Se fôssemos observar um relógio destes, feito pela rotina dos homens o relógio seria igual ou diferente? Por quê?

Dirigente - Observando o conjunto das tarefas que assumimos na rotina diária, identificamos o quê? *(deixar falar)*

Leitora 4: Nosso dia-a-dia é marcado pela sobrecarga de trabalho, de tarefas e de responsabilidades, que, muitas vezes, são causa de adoecimento nosso e de várias companheiras, por conta do excesso de trabalho.

Leitora 1: Assim, um dos traços mais marcantes de nossas vidas é o TRABALHO. Muito cedo começamos a trabalhar em casa, nas tarefas cotidianas, na roça e no cuidado com as plantas, horta e animais.

Leitora 2: Somos camponesas porque com o nosso trabalho produzimos comida saudável para alimentar a população. Ao longo da história somos nós, mulheres camponesas, indígenas, negras e da floresta que estamos preservando as sementes e produzindo alimentos e cuidando da natureza. Somos nós que ainda resistimos e enfrentamos no dia-a-dia este sistema capitalista que quer transformar a agricultura num negócio para gerar mais lucros para algumas grandes empresas transnacionais (Monsanto, Cargil, Bunge, Stora Enso, Aracruz Celulose, Sadia, Perdigão, Nestlé,

Bayer, Syngenta, entre outras) continuarem acumulando riqueza e expulsando os trabalhadores e trabalhadoras do campo.

Leitora 3: Entretanto, tudo isso também tem significado sobrecarga de trabalho não reconhecido, nem valorizado para as mulheres camponesas e muito menos calculado em dinheiro o que esse trabalho representa no sustento da família. Assim, vamos sendo exploradas, desvalorizadas, discriminadas e sofrendo a violência cotidiana.

Todas: O MMC vem construir junto com as mulheres camponesas o sentido político da resistência organizada, da resistência oculta, do cotidiano das mulheres camponesas marcado pela resistência e pela luta permanente em defesa da vida. Como as mulheres foram sábias ao longo da história! Sabem muito bem a importância, o mistério e os segredos relacionados à vida! Por isso, mantém este poder da resistência, o poder que vem de dentro, de base, de organização, de um projeto de vida e de luta por uma nova sociedade.

Leitora 4: Na luta, nós camponesas estamos buscando o reconhecimento e valorização de nosso trabalho, da profissão de trabalhadora rural e a garantia de direitos às mulheres, aos filhos e para todos. Exemplo disso foi a luta pelo reconhecimento da profissão de trabalhadora rural que desde 1988 é um direito de toda e qualquer camponesa no Brasil; o direito ao Salário Maternidade a todas as mulheres agricultoras e o direito à Aposentadoria e Previdência Social para homens e mulheres.

Canto / refrão: *Entrei na luta, da luta eu não fujo.
Pelos direitos, da luta eu não fujo.
Pela igualdade, da luta eu não fujo.
Pra construir uma nova sociedade.*

Leitora 1: A resistência também se revela quando uma companheira vai à luta e outra fica para tirar leite das vacas, atender as crianças, entre outras tarefas,... porque descobrimos o valor da solidariedade, da luta e da organização das mulheres do MMC.

Leitora 2: Outro traço marcante nas nossas vidas é o casamento, ou quando nos unimos com outra pessoa por laços de afeto e amor. A maioria das mulheres, passam a gerar os filhos e tem que assumir praticamente sozinha

o trabalho e responsabilidades cotidianas de cuidado, proteção e educação das crianças e da família como um todo, cuidando dos doentes e idosos. Além do trabalho doméstico, cabe a nós camponesas o trato e cuidado com os animais, plantas, pomar, horta e o trabalho na agricultura. Na verdade, nossa trajetória de vida vem sendo de muito trabalho, cuidado e resistência.

Leitora 3: Normalmente quando se pergunta a uma mulher que prioriza a atuação em casa se ela trabalha, sua resposta é não. Fomos educadas para entender que o trabalho doméstico não é trabalho e assim, passou a ser natural que determinados serviços pertençam à mulher. Por isso muitas de nossas companheiras ainda se caracterizam como “do lar” e não têm, inclusive, acesso aos direitos sociais e previdenciários.

Todas: Precisamos mudar o olhar para dentro de casa!

Leitora 4: Na verdade, o trabalho realizado dentro de casa (comida, limpeza da casa e das roupas...), cuidado com as crianças, doentes e idosos; e, no caso nosso das camponesas, nos arredores da casa (limpeza do pátio, cuidado com os animais, a horta, as flores, o pomar,...) também é interpretado como NÃO TRABALHO. Quem se beneficia com isso? A quem interessa isso? O que isso significa no relacionamento entre mulher e homem?

Dirigente - Companheiras! Sabemos que cada país e o mundo tem um sistema ou o modo pelo qual a sociedade se estrutura para produzir e comercializar os bens, no âmbito da economia, para organizar as relações de poder e para estruturar a produção e a socialização do saber e do conhecimento. Nem sempre foi do modo como é hoje e nem sempre será, pois a história é feita e construída pela ação humana.

Leitora 1: Já entendi! Nesses dias a gente estava estudando e debatendo sobre a sociedade atual e nos indignando com a realidade em que vivemos. O sistema que domina nossa sociedade é o capitalismo que significa nada mais, nada menos que uma sociedade onde o centro é o capital, ou a riqueza que pode ser em bens ou em dinheiro. No capitalismo o lucro e o acúmulo das riquezas está concentrado nas mãos de um pequeno grupo que se apropria do trabalho não pago. Um desses trabalhos não pagos, menos visível, é o trabalho realizado em casa, principalmente pela mulher, o chamado trabalho doméstico.

Leitora 2: Além disso, esta sociedade tem uma cultura machista e patriarcal, onde as relações humanas são de dominação dos homens sobre as mulheres e não de respeito e reciprocidade. Esse trabalho doméstico é, basicamente, realizado pelas mulheres e sem valor e reconhecimento. O trabalho que nós camponesas realizamos na produção e no sustento da família também não é reconhecido e fica colocado de forma invisível na agricultura.

Leitora 3: O capitalista apropria-se do trabalho doméstico de forma gratuita - não entra no cálculo do salário - e sequer o reconhece como trabalho. A exploração aparece misturada a diversos mecanismos vinculados à cultura, às tradições etc., com a aparência de puro afeto (aos filhos e ao marido). Na família, o afeto existe, mas ligado à necessidade de reprodução social capitalista, que nada tem a ver com a afeição, mas sim com a exploração. Se o valor do salário incluísse o custo do trabalho doméstico, o lucro empresarial se reduziria muito e o salário de quem trabalha aumentaria de forma inversamente proporcional.

Leitora 4: Precisamos dar nome, fazendo uma lista das tarefas e atividades cotidianas feitas pelas mulheres a fim de mostrar que isso é trabalho. Assim fazemos uma opção política e ideológica provocando o reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres no campo, sempre invisibilizado pela sociedade capitalista e patriarcal. Pois este trabalho não é calculado no preço mínimo dos produtos para serem comercializados, nem nos sistemas de crédito e financiamento agrícola e nem nas políticas públicas para o campo.

Dirigente - É companheiras! A exploração do trabalho doméstico é vital para o sistema capitalista! Assim como a exploração do trabalho da mulher camponesa, não reconhecido e nem valorizado tanto na roça como em casa e arredores.

Leitora 1: Outro elemento fundamental para refletir o nosso dia-a-dia é o jeito como este sistema vem impondo um outro padrão de “cuidado”. O cuidado faz parte da natureza humana. É uma maneira de o próprio ser se estruturar e dar-se a conhecer. Todos somos cuidado, na verdade. Sem cuidado deixamos de ser humanos. O que precisamos nos perguntar é por

que o cuidado foi atribuído à mulher? É um jeito sutil de revestir a exploração com uma roupagem de “elogio” e, assim, sobrecarregar a mulher de atribuições.

Leitora 2: O cuidado, que está profundamente relacionado com a identidade do ser humano, desaparece dentro de uma economia capitalista de mercado, onde o padrão de relação humana passa a ser mercantilizado, ou seja, as relações de cuidado passam a ser tratadas como se trata uma mercadoria: quem tem dinheiro compra e quem não tem, fica excluído do acesso. Só que neste caso, não é um objeto, é o cuidado com a vida, o outro ser humano, a natureza e sua biodiversidade que ficam reféns dos interesses do poder econômico.

Leitora 3: A partir disso, é necessário ressaltar que a dominação da mulher não se limita às formas tradicionalistas ou conservadoras da vida cotidiana. Essa dominação, bem como a discriminação étnica, religiosa, geracional, sexual... encontra-se especialmente no coração do sistema e da reprodução capitalista.

Leitora 4: O capitalismo é um sistema que se alimenta de diversas dominações justapostas e combinadas. A dupla exploração das mulheres é um dos instrumentos para a reprodução do capital. E, para manter-se, precisa justificar esses papéis sociais como algo natural e normal. Por isso, não pode haver emancipação real da mulher - dos negros, dos anciãos... – sem lutar contra o sistema capitalista. Entendemos porque o MMC luta pela libertação da mulher e a transformação da sociedade.

Leitora 1: Assim, nós mulheres camponesas que nos organizamos no MMC, assumimos a luta feminista contra o machismo e o patriarcalismo, em defesa da vida, contra toda forma de destruição sistemática da natureza, e contra qualquer tipo de exploração e exclusão, base do capitalismo.

Leitora 2: E nunca se pode esquecer que homens e mulheres, capitalistas e trabalhadores, constituem classes sociais que se definem pela posse ou não dos meios de produção, bem como por sua experiência de luta e consciência de classe. Porém, trabalhadores e trabalhadoras se constituem como classe em si quando tomam consciência desta condição. Isso exige que a gente perceba que é no conflito e no enfrentamento com os donos do

capital que essas contradições de classe já existente na sociedade, aparecem publicamente. Pela luta de enfrentamento vamos identificando como os poderosos vão tirando nossos direitos e percebendo que seus interesses são contrários dos interesses da classe trabalhadora. É também nessa luta que vamos percebendo nosso potencial, nossa força e nossa capacidade de organização. Por isso falamos que existe a luta de classes.

Leitora 3: Não podemos esquecer de outro marcador central na vida de muitas de nós camponesas que é a violência. Quem de nós não lembra de alguma situação que viveu ou viu outra mulher em situação de violência? Há várias formas de violência: física, psicológica, pela sobrecarga de trabalho, pela discriminação,... São tantas mulheres sofrendo... É preciso mudar esta realidade!

Leitora 4: Além da violência específica sofrida pelas mulheres, existe a violência feita contra as mulheres e homens que lutam por direitos e em defesa da vida e, por isso sofrem repressão, às vezes até morte, por estar na luta. Vamos lembrar alguns lutadores e lutadoras do povo que foram assassinados. (lembrar e falar alguns nomes) Que seu testemunho de coragem e vida fortaleça nossa luta!

Leitora 1: Por isso, não há saídas individuais. Nós precisamos umas das outras, ninguém se salva sozinho neste sistema onde o que vale é o capital. É preciso recuperar nossa capacidade de indignação diante das injustiças, nosso potencial de nos organizar em grupos e no Movimento de Mulheres Camponesas, nossos laços de solidariedade e companheirismo nos ajudando, nos apoiando, visitando vizinhos e amigos e dando novos significados aquilo que já era feito com nossos pais e avós como as rodas de conversa, os filós, os mutirões que reuniam a vizinhança para trabalhar e depois festejar, rodas de chimarrão, entre outras expressões da cultura camponesa, que com o avanço do capitalismo no campo foram substituídos pela televisão.

Dirigente: Diante disto nos perguntamos:

- Qual é a saída?
- Como ir mudando esta rotina pesada das mulheres?
- Como transformar a indignação em organização das mulheres camponesas?

Conversar um pouco sobre estas questões.

Canto / refrão: *Entrei na luta, da luta eu não fujo.
Pelos direitos, da luta eu não fujo.
Pela igualdade, da luta eu não fujo.
Pra construir uma nova sociedade.*

Gesto concreto

Dirigente - Agora vamos pensar e dizer nosso gesto concreto para transformar a realidade e fortalecer a organização do MMC neste local. (Deixar falar)

Depois de várias falas, combinar o que será o gesto concreto além de cada companheira trazer mais uma mulher para participar do próximo encontro que será no dia...

Dirigente - Estamos agora encerrando nosso encontro de hoje e já vamos nos preparando para o nosso próximo, onde vamos conversar sobre a importância de mudar esta realidade e construir um Projeto de Agricultura Camponesa. Vamos continuar animadas e acreditando em nossa capacidade de re-criar a vida, rompendo com o patriarcado e o capitalismo, apontando e vivenciando novas relações, alimentando a utopia de que um outro mundo é possível.

Por isso dizemos: **Da luta não fujo! Na luta continuaremos!**

Vamos ler juntas o poema:

Falando de nós mesmas!

(Sandor Sanches)

*“Onde pisa uma mulher há sentimento,
Onde pisam duas mulheres, há determinação;
Onde pisam três mulheres, a organização nasce.
Mas quando mais mulheres se juntam
E pisam em terra firme,
Germina a esperança
Já é possível planejar
A colheita da safra de um mundo novo.
Que o fruto de nosso trabalho transformado em alimento*

*Faça de nós mulheres
corajosas na luta de preservação do ambiente.
Que ao redor de nossas casas floresça a biodiversidade.
Que nós, nossas filhas (os) e netas (os) podemos crescer e nos desenvolver
Como verdadeiros cidadãos e cidadãs.
Com direito ao trabalho, terra boa, água e alimento saudável.
Com direito de viver bem, em paz, alegre porque cultivamos a vida,
o amor e a justiça.
Que o perfume das flores, a luz do sol
Oriente nossas ações de libertação.
Queremos conviver em harmonia
Com a família e com o universo, casa de todos.”*

Dirigente - Por fim, vamos dizer numa palavra ou frase, o que estamos levando deste encontro.

2º Encontro

Produzir alimentos: uma missão camponesa!



Ambiente: Preparar com antecedência o local tornando-o acolhedor. Providenciar alimentos, bandeira do MMC e uma peneira com flores, plantas medicinais, sementes.

Mística – Uma companheira pega a peneira com flores, sementes e plantas medicinais bem diversificadas e vai passando para que cada participante escolha uma. Em seguida, cada uma pode dizer porque escolheu aquela flor, sementes ou planta medicinal. Quando todas falaram uma lê a mensagem:

As Plantas medicinais, flores, sementes acompanham o ser humano e os animais desde sua origem. Elas serviram de base alimentar e de remédio. As mulheres foram as que mais entenderam o mistério da vida presentes na diversidade de plantas. Elas souberam repartir a sabedoria, o conhecimento, a arte da cura e do alimento do corpo.

Arte herdada de nossos ancestrais, curandeiras, benzedeiras que vem sendo preservada e multiplicada no cotidiano de nossas vidas.

Agora é nosso tempo de preservar, cuidar a biodiversidade como garantia de continuidade da vida.

Vamos abraçar nossa companheira desejando as boas vindas.

Música: Eu creio na semente

Dirigente – É uma alegria encontrar cada companheira, sua presença nos anima e nos dá força. No encontro passado conversamos sobre a vida de

mulheres e hoje vamos trocar umas idéias sobre a missão das camponesas e camponeses na produção de alimentos.

Leitora 1: Nós precisamos entender melhor esta missão de produzir alimentos, pois, está cada vez mais difícil viver na agricultura. As sementes híbridas são caras, os bichinhos atacam e destróem tudo. Às vezes não chove quando a planta precisa. A gente tem vontade de desanimar da roça.

Dirigente: – Você tem razão. Mas precisamos pensar: Por que tem esses problemas na agricultura camponesa? Qual é a causa de tantas dificuldades? (*deixar falar*)

Dirigente: – A causa de tantos problemas é o modelo de agricultura capitalista. Se vamos perguntar para nossas avós sobre a produção de alimentos, elas vão dizer que, quando eram jovens, plantavam de tudo para o auto-sustento: arroz, trigo, feijão, milho, batata, verduras, frutas e criavam animais: porco, galinhas, vaca entre outros. O trabalho era pesado, mas a família produzia de tudo o que precisava para comer. Depois mudou.

Leitora 2: Mudou sim. Por volta do ano 1960, os ricos, donos do capital vieram com a modernização do campo também chamada de “revolução verde”, trazendo a idéia de que seria mais fácil produzir, sem precisar trabalhar tanto. Aos poucos, fomos quase sem perceber, trocando nossas plantações de alimentos pelos monocultivos de soja, milho, fumo, depois as sementes transgênicas e agora, até nos oferecem plantações de eucaliptos, sempre dizendo que vamos melhorar nossa vida.

Leitora 3: Com a implantação deste modelo de agricultura, vocês sabem o que aconteceu? Muitos agricultores começaram a fazer financiamentos para comprar máquinas, sementes híbridas, venenos e encher a roça de soja.

Leitora 4: Mais tarde veio o sistema de integração a agroindústria de suínos, fumo, frango, cana de açúcar... As conseqüências foram graves e muitas famílias foram obrigadas a vender a terra para pagar as dívidas. Aumentou o trabalho da família especialmente das mulheres que não têm mais tempo de participar da comunidade, do Movimento e nem de visitar as amigas(os). Também o solo está doente pelo uso dos agrotóxicos e monocultivos. Assim perdemos muitas variedades de espécies e ficamos dependentes do supermercado e das grandes indústrias.

Dirigente - E o pior, muitas mulheres se iludiram pensando que as máquinas, os venenos, os monocultivos iriam resolver os problemas do campo. Mas não foi bem assim. Em muitos municípios os donos das grandes empresas transnacionais utilizaram da assistência técnica e da assistência social envolvendo, em várias comunidades rurais as mulheres em clubes e outras formas para que não refletissem sobre sua realidade. A consequência disso foi a desvalorização da missão de produzir alimentos saudáveis. O mesmo ocorreu com a juventude que era incentivada a deixar a profissão, a roça, passando a idéia de que agricultura é coisa ultrapassada e, por isso, criou na juventude a vergonha de se dizer agricultor (a). Assim, foram induzidos a consumir produtos industrializados e ignorar a arte, a música e a cultura camponesa incorporando o estilo de vida norte-americano.

Leitora 1: Como é importante a gente estar aqui para conversar. Agora estou entendendo a maldade do modelo capitalista que chega até nós de vários jeitos: na fala do técnico dizendo que para ficar rico tínhamos que investir na produção para exportação e usar o pacote de venenos e adubos químicos. Também fomos perdendo o costume de plantar alimentos diversificados, ao mesmo tempo, aumentou a necessidade de comprar no supermercado produtos que poderíamos ter em casa. Foram nos convencendo em nome da facilidade e a da aparência. Quando recebíamos visita ficávamos envergonhadas de pôr açúcar mascavo na mesa. O bonito era pôr na mesa margarina, açúcar branco, o pão branco e o refrigerante.

Música: O alimento deve ser...

Dirigente – Pois é. No dia 8 de março de 2007, o Movimento de Mulheres Camponesas lançou a campanha pela produção de alimentos saudáveis, como proposta contrária ao agronegócio e aos monocultivos. Na mobilização foi falado que os alimentos industrializados têm muitos conservantes e corantes que prejudicam a saúde. Além disso, no mercado a gente encontra os mesmos produtos de norte a sul do Brasil. Isso se chama padronização dos alimentos. O grande problema disso é que vamos perdendo muitas variedades de espécies de alimentos, receitas,... Vamos abandonando o conhecimento de fazer doces, cuscuz, bolacha, pão, sucos, entre outros maravilhosos sabores e saberes que nosso povo,

especialmente as mulheres, tem na culinária. Aos poucos, vamos ficando dependentes daquilo que a indústria produz e vamos perdendo nossa cultura alimentar.

Leitora 2: – Sabe que isso acontece também no trabalho da roça. Com essa ilusão de comprar tudo, a gente está perdendo o conhecimento de reproduzir as sementes crioulas, de utilizar as plantas medicinais, o jeito de criar animais e produzir a diversidade de alimentos... E o pior, vamos perdendo a sabedoria de nossos antepassados de entender a natureza: os ciclos da lua, os períodos de descanso da terra, a rotação de culturas, entre outros segredos e a sabedoria popular de cuidar da vida como um todo.

Dirigente – E a gente nem percebe que são as mesmas empresas que definem o que temos que produzir, o que usar na produção, onde vender. Que tipo de alimento consumir. Essas mesmas empresas transnacionais norte-americanas também produzem os venenos, as sementes e os medicamentos químicos utilizados para tratar das doenças.

Leitora 2: Mas eu acredito que é possível mudar. Às vezes parece que está tudo destruído. Mas as mulheres camponesas são espertas e nem todas se iludiram e seguiram a propaganda da revolução verde do modelo capitalista. Eu conheço mulheres que produzem alimentos saudáveis. Plantam de tudo para o consumo da família e também para a comercialização, como batatinha, amendoim, pipoca, plantas medicinais, verduras, frutas. Essas mulheres nunca abandonaram o seu roçado e continuam resistindo à interferência do modelo capitalista.

Dirigente – Eu também conheço mulheres camponesas que têm muitas sementes crioulas e outras que estão fazendo a recuperação de plantas medicinais, flores, pequenos animais. Elas se encontram, estudam, trocam, vão conhecer outras experiências. Uma amiga que sempre participa me disse que essas variedades crioulas são mais resistentes e adaptadas à região. Então eu percebi o valor do trabalho da mulher na produção de alimentos. É ela que tem, ao longo da história, preservado e conservado uma grande variedade de espécies. Ela tem em suas mãos o controle e o conhecimento das sementes.

Leitora 2: Diante disso, precisamos nos unir e nos organizar no Movimento de Mulheres Camponesas. Juntas vamos somar força na luta pela construção de um Projeto Popular de Agricultura Camponesa, fundamentado nos princípios da agroecologia. Todo o ser humano tem o direito de se alimentar, de produzir seus próprios alimentos, respeitando as diferentes culturas, o ambiente, ... Enfim, para vivermos com dignidade precisamos de soberania alimentar.

Música: Xote Ecológico

Dirigente – O Movimento de Mulheres Camponesas defende e luta pela construção de um projeto de agricultura camponesa agroecológica que garanta: a preservação do ambiente, do trabalho, de novas relações sociais, produção camponesa, políticas públicas voltadas aos camponeses e às camponesas, cultura camponesa e feminista, valorização e participação das mulheres.

Agora, vamos entender melhor estes pontos do **Projeto de Agricultura Camponesa**.

Leitora 2: Entendemos a preservação do **ambiente** como o conjunto de espaços onde se estabelecem relações sociais. Por isso, deve haver cuidado, respeito para garantir a continuidade de todas as formas de vida. Os recursos naturais são bens comuns, por isso patrimônio da humanidade. Precisamos preservar as nascentes de água, rios e fontes e reaproveitar a água da chuva, através da utilização de cisternas.

Leitora 1: Pois é companheiras, precisamos garantir a **produção e economia camponesa** agroecológica, que venha proporcionar a autonomia das famílias no auto-sustento e renda integrando campo e cidade. Para isso é preciso buscar formas alternativas de energia, o acesso e controle dos meios de produção (terra, equipamentos, tecnologia). Distribuir renda inclusive para as mulheres camponesas significa valorizar e reconhecer o trabalho da mulher na produção de alimentos diversificados e saudáveis

Leitora 2: Outro ponto relevante é o **trabalho** que torna as pessoas humanas. Somos os únicos seres capazes de projetar e refletir sobre o que fazemos e porque fazemos. O trabalho pode possibilitar nossa humanização, ou a nossa desumanização. É o trabalho que gera toda a riqueza e que os poderosos

sempre se apropriaram do trabalho dos povos e especialmente das mulheres e dos jovens para enriquecer. Por isso, precisamos enfrentar o grande desafio de ressignificar o trabalho como identidade e crescimento de mulheres e homens. É necessário desenvolver tecnologias adequadas que torne o trabalho no campo menos penoso, mais leve e gratificante. É pelo trabalho que realizamos a solidariedade, entre-ajuda, seja na produção, na organização da casa, na busca do conhecimento no cuidado dos filhos e filhas, no embelezamento da casa, enfim, em todas as dimensões que envolvem a vida.

Leitora 1: Precisamos construir nosso projeto de vida e de sociedade onde nosso relacionamento com as pessoas e com o ambiente seja pautado com base os valores de vida e alegria, no respeito à diversidade étnico-racial, de gênero, econômica, cultural, ecológica e de espiritualidade, valorizando a juventude, idosos e crianças. Isso significa criar novas **relações sociais**, o que supõe mudança de vida.

Leitora 1: Entendemos que é preciso valorizar a **cultura camponesa e feminista** entendida como um modo de ser, de se relacionar socialmente no campo, valorizando o apego à terra, o respeito e o cuidado com a biodiversidade e a defesa da vida. Além disso, também é importante o fortalecimento da arte e da cultura camponesa através de crenças, rezas, rituais, visitas, pratos típicos, mutirões de trabalho, danças, rodas de viola, mateadas, literatura de cordel, repente, trovas, festas típicas, cirandas, entre outras.

Leitora 1: Não podemos esquecer da **participação das mulheres** como protagonistas na produção de alimentos fortalecendo a participação efetiva das mesmas em todos os espaços de decisão sobre a produção, o patrimônio, o dinheiro, as relações humanas, políticas e comunitárias, de maneira a garantir a manutenção e o avanço do campesinato.

Leitora 2: Outro aspecto importante para a construção do projeto de agricultura camponesa são as **Políticas Públicas** que devem servir para viabilizar, potencializar, facilitar, ampliar e garantir os direitos das trabalhadoras e trabalhadores.

Leitora 1: É por isso que nós do MMC, queremos e lutamos por:

- ⊙ Reforma Agrária com o acesso à terra e produção de alimentos; educação do campo com o princípio da construção da consciência emancipatória, valorizando e incentivando o saber popular.
- ⊙ Previdência Pública Universal e Solidária com a garantia da condição de seguradas especiais e dos direitos adquiridos (salário maternidade, aposentadoria, auxílio doença, acidente de trabalho, auxílio reclusão), bem como, sua ampliação.
- ⊙ Saúde pública, integral com qualidade para as mulheres e as famílias do campo com efetiva participação popular.
- ⊙ Subsídio público para investimento na agricultura camponesa, garantido o acesso às mulheres, com autonomia na administração desse recurso e seguro agrícola que garanta reposição nas perdas dos produtos atingidos.
- ⊙ Documentação, a fim de facilitar o acesso de documentos pessoais e profissionais a camponesas e camponeses.
- ⊙ Garantia de moradia digna, saneamento, luz e estradas para facilitar as condições de vida no campo, bem como lazer, com direito ao acesso de atividades culturais nas comunidades rurais (cinema, teatro esportes...).
- ⊙ Investimento público na pesquisa, ciência e tecnologias a serviço da vida, adequadas às necessidades da agricultura camponesa agroecológica e que facilitem o trabalho humano.
- ⊙ Garantia de políticas públicas de combate à violência e proteção de mulheres e crianças.
- ⊙ Política de comercialização e aquisição direta de alimentos e produtos da agricultura camponesa, para os trabalhadores da cidade e entidades públicas (escolas, creches, hospitais...).

Leitora 2: Todas nós sabemos que para melhorar a vida no campo é necessário investimento público, com recursos e políticas adequadas, que até agora a maior parte do dinheiro público é destinado ao latifúndio e agronegócio. Por isso eles crescem cada vez mais. Daí que precisamos nos organizar e lutar para que o dinheiro público seja investido na produção de alimentos saudáveis e não para enriquecer algumas empresas transnacionais.

Dirigente - Para nós, que sempre lutamos para garantir nossos direitos, a situação em que vivemos nos convida a fortalecer nosso Movimento. Precisamos organizar cada vez mais as mulheres e a classe trabalhadora, buscando o estudo, o auto-sustento, resgatando os valores da solidariedade, da ética, do companheirismo, da honestidade e da transparência, e continuar construindo o projeto de sociedade que sonhamos.

Leitora 1 – Com este estudo vimos que o campo não é o lugar de quem não teve oportunidade. Quem está no campo tem a importante missão de produzir alimentos saudáveis. Cuidar e proteger a vida e acima de tudo construir um projeto de vida de família e de sociedade. Assumir a agricultura agroecológica exige uma opção de vida e compromisso.

Gesto concreto

Dirigente - Trazer variedades de sementes, alimentos, flores, plantas medicinais e receitas para partilhar e trocar com as companheiras no próximo encontro. Para concluir este nosso encontro de hoje vamos cantar juntas:

Biomass brasileiros – a riqueza natural *(melodia Olé mulher rendeira)*

(Maria Cavalcante e Anna Chaves)

*Olé você daqui
Olé você de lá
O Bioma é a riqueza
para gente preservar.*

*O pantanal é um bioma,
De riqueza muito lindo
Por não ser bem cuidado
Esta sendo destruído*

*A caatinga e o cerrado
Tem a fama de ser quente
Mesmo com tanta agressão
O seu povo é resistente*

*A Amazônia e a Mata atlântica
São riquezas naturais
Mas estão sendo destruídas
Pelas multinacionais*

*O pampa é um bioma
Que esta sendo invadido
Pra plantar o eucalipto
O solo é destruído*

*Nosso povo luta tanto
Para a vida melhorar
Mas a burguesia esta aí
Para nos escravizar.*

*Mas a gente é resistente
Não vamos se entregar
Vamos dar as nossas mãos
E a luta organizar.*

*Nosso povo é diferente
Cada um de um local
A nossa diversidade
Por aí não tem igual.*

3º Encontro

Organização e trabalho de base: alicerce do MMC



Ambiente: Preparar o lugar e as pessoas que vão coordenar o encontro. Organizar a bandeira do MMC, flores, alimentos, receitas, plantas medicinais, material necessário, etc.

Acolhida: Combinar com a família onde se fará o encontro, ou se é na comunidade, alguém do MMC acolhe as mulheres, dizendo da importância e da alegria de receber a todas as mulheres para mais um encontro que nos ajudará a entender melhor como podemos superar nossos problemas e juntas nos organizar para conquistar os direitos e uma vida melhor.

Mística: Fazer um círculo e passar a bandeira do MMC na mão de cada companheira. Ao receber a Bandeira, dizer em poucas palavras o que a bandeira e o MMC representam na sua vida e na vida das mulheres camponesas.

Música: Nossa história a gente faz

Dirigente: Como é importante a gente se encontrar para estudar e conhecer mais sobre nossa vida. No primeiro encontro, nós conversamos e ficamos conhecendo melhor como é nossa vida de mulheres camponesas do Brasil. No segundo Encontro, aprofundamos nossa missão de produzir alimentos e o projeto de agricultura que estamos construindo.

No encontro de hoje vamos perceber que o caminho de libertação da mulher e de transformação da sociedade se dá quando as mulheres e o povo trabalhador se organizam, estudam a realidade, lutam pelos direitos e propõem um novo projeto de sociedade, baseado em condições dignas de

viver. É o que chamamos de organização e TRABALHO DE BASE. Queremos, através deste encontro conversar e entender melhor o que é TRABALHO DE BASE, quem faz, como fazer e para que fazer trabalho de Base, bem como perceber qual é a sua importância para o fortalecimento do MMC.

Companheiras! Mais uma vez sejam bem vindas e vamos participar deste nosso Encontro, dando nossa opinião, cantando juntas animando-nos e nos encorajando mutuamente.

Música: *Olé mulher rendeira, olé mulher rendá, tu me ensina a fazer renda, que eu te ensino a reclamar... Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino organizá...*

Leitora 1: Era uma vez, em Santa Luzia, comunidade camponesa de um município essencialmente agrícola, existia um povo caloroso e acolhedor. Nesta comunidade as famílias se envolveram no monocultivo, aos poucos a maioria das famílias não produziam mais nada para o auto-sustento. Tudo era comprado e as condições de vida estavam cada vez mais difíceis. Morava nesse lugarejo, Verônica e Alice. Eram duas parteiras que conheciam sua comunidade de ponta a ponta. Estavam *enraizadas na vida daquela população*. Animavam as famílias, encorajavam as mães, ajudavam a fazer remédios com as plantas medicinais, a recuperar as sementes crioulas e reuniam a juventude. Aos poucos sentiram a necessidade de organizar as mulheres camponesas, para juntas buscar solução para seus problemas.

Música: *Vem mulher, vem se organizar, vem mulher, vem se libertar. Vem mulher, vamos construir nova vida com nosso agir. Nesta assembléia se renova a ousadia que a gente quer, ser na luta sempre mulher, ser na luta sempre mulher.*

Leitora 2: Verônica e Alice indignadas com a realidade pensaram em fazer alguma coisa. Depois de muita troca de idéias entre elas, decidiram que ao encontrar uma mulher ou visitar uma família prestariam atenção nas preocupações, nas dificuldades daquelas famílias. Também observariam o que animava as famílias, o que mais gostavam e o que sabiam fazer.

Leitora 3: Depois de um mês, se reuniram e conversaram sobre o que tinham ouvido e, a partir disso, começaram a traçar algumas idéias para as

novas ações. Realizaram, então, um grande mutirão de solidariedade com as mulheres de sua comunidade. De duas a duas as mulheres foram visitar as famílias mais necessitadas para *conhecer* melhor a realidade onde viviam e juntas buscar soluções para os problemas. No retorno desse mutirão as mulheres passaram a repartir os alimentos entre si, o conhecimento, as preocupações e as esperanças. Através das visitas, dos contatos realizados, começaram a *perceber* muitas injustiças que estavam acontecendo e viram que juntando suas forças se tornavam vitoriosas! Estavam convictas de que Santa Luzia podia se tornar uma comunidade nova.

Música: *A vida que a gente vive é cheia de divisão, mas Deus não quer isso não, mas Deus não quer isso não.*

Leitora 1: Não demorou muito para que um grupo bem maior de mulheres envolvendo suas famílias, começasse a notar que uma sociedade onde a maioria do povo que trabalha passa fome e um pequeno grupo que manda, não trabalha e detém a maior parte da riqueza, é uma sociedade dominadora que precisa ser transformada.

Música: *Na terra dos homens pensada em pirâmide os poucos de cima esmagam a base, os poucos de cima esmagam a base.*

Leitora 2: Foram nascendo novas lideranças, aumentou o círculo de amizades, e as mulheres resolveram assumir a luta para que todas as famílias tivessem um pedacinho de terra e sua casa própria, sua moradia e seu roçado para a produção de alimentos. Se reuniram muitas vezes, estudaram bem sua realidade, planejaram suas ações, fizeram um projeto de diversificar a produção de forma ecológica. Jovens, mulheres, homens e crianças foram redescobrimo seu poder, sua identidade e sua capacidade de produzir a diversidade de alimentos saudáveis. Também começaram a pensar formas de livrar-se do domínio das transnacionais presentes no município através dos monocultivos, dos agrotóxicos, dos transgênicos, do latifúndio.

Leitora 3: Verônica e Alice, junto com as mulheres organizadas descobriram que é o povo consciente e organizado que pode mudar a sociedade. Não demorou muito para que mais mulheres de outras comunidades iniciassem a organização do Movimento de Mulheres.

Leitora 4: Aos poucos foram descobrindo que somente a luta e a organização popular, pode tirar a cegueira do povo dominado. A luta pela Vida é uma luta cotidiana que busca superar os problemas da população, exige convicção pessoal, dedicação, tempo, pessoas dispostas a lutar e organicidade como: um forte trabalho de base; autonomia política, financeira, ideológica (...) que possibilita as mulheres se deslocar de suas casas para as atividades, condições concretas para o acesso ao estudo, ao atendimento digno na saúde, à valorização de sua produção e de suas idéias, entre outros.

Música: *Entrei na luta, da luta eu não fujo. Pelos direitos da luta eu não fujo. Pela igualdade, da luta eu não fujo. Pra construir uma nova sociedade.*

Leitora 1: O trabalho de Verônica e de Alice foi realizado com um sentimento de amor profundo dedicado àquele povo que permanecia calado. Foi a convicção profunda de que aquela situação tinha jeito e podia mudar. Era possível realizar também outros mutirões de luta por terra, moradia, previdência, saúde pública, garantindo maior felicidade ao seu povo.

Leitora 2: Aos poucos a comunidade de Santa Luzia percebeu que não é o prefeito, o padre, o marido, o comerciante, o vereador... que vai resolver seus problemas, mas a organização do povo. As mulheres e o povo de Santa Luzia abraçaram a idéia de construir sua própria identidade, buscar direção nova para sua vida e formas para mudar a própria realidade. Marcaram uma reunião de base, convidaram as famílias com o objetivo de entender algo mais sobre a história do Brasil para compreender porque o povo de Santa Luzia vivia dominado, explorado e não reagia frente a situação vivida.

Música: *Ninguém se engana, ninguém se engana, que a nossa história já começou desumana, ninguém se engana, ninguém se engana, que a nossa história continua desumana.*

Leitora 2: No dia da reunião viram que:

O Brasil nasceu como *colônia* dos países ricos.



Reis e rainhas tornaram-se dono(a)s das terras, das riquezas e da vida das pessoas.

Quem resistiu foi perseguido(a) e, muitas vezes, destruído(a).



O povo brasileiro aprendeu receber ordens e obedecer



Mesmo assim sempre resistiu e se organizou. Quilombo dos Palmares, Caldeirão, Canudos, Contestado, Ligas Camponesas...

Ditadura de Vargas - Pai dos pobres e mãe dos ricos (1933 a 1945) - povo aprendeu a puxar saco dos grandes, dos políticos.



Anos 60 – participação popular. 1964 - veio a ditadura militar. Prisão, morte, tortura.

Música: *Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não nas escolas, nas ruas, campos construções, caminhando e cantando e seguindo a canção. Vem vamos embora que esperar não é saber; quem sabe faz a hora, não espera acontecer, vem vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer.*

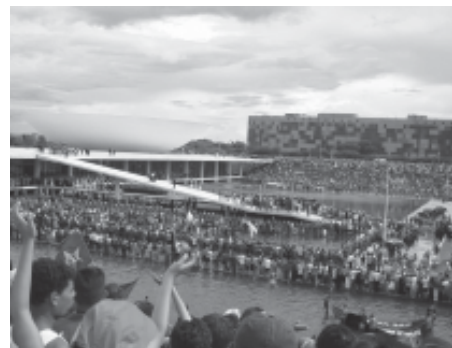


Anos 70 -
Povo se organiza em
Movimentos Sociais e
retoma com mais força o
trabalho de Educação
Popular.

Anos 80 - Conquista e direitos na Constituição Federal de 1988. Surgimento dos movimentos de mulheres autônomos. Luta e conquista dos direitos previdenciários.



Anos 90 - Neoliberalismo e grandes incentivos ao agronegócio.



No ano 2000 o povo elege LULA pensando na mudança. Luta de enfrentamento ao agronegócio, aos monocultivos e à cultura machista e patriarcal.

Música: *Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher.*

Leitora 1: Depois de participar de várias ações organizadas, Verônica, Alice e muitas companheiras perceberam a importância da organização do Movimento de Mulheres Camponesas e do trabalho de base, para o povo e as mulheres erguerem a cabeça e saírem da dominação.

Leitora 2: Para o MMC, a base são todas as mulheres camponesas que se organizam e assumem a proposta do movimento, que perpassa especialmente pela formação, lutas de resistência enfrentamento ao capitalismo e ao patriarcado.

Leitora 3: Conforme podemos perceber, para nós do MMC, *trabalho de base* é toda ação feminista e popular realizada pelas mulheres camponesas e pelo povo trabalhador, que parte de suas necessidades buscando as soluções de problemas e elevando o nível de consciência individual e coletiva rumo à libertação.

Leitora 1: O trabalho de base para o MMC é fundamental principalmente porque, é através destas ações organizadas que as camponesas vão concretizando o processo de libertação da mulher e, na luta contribuem para a transformação da sociedade que vai sendo construída na prática de novos valores feministas, populares na perspectiva socialista.

Música: *Vamos construir, uma ponte em nós, vamos construir, pra ligar seu coração ao meu, o amor que existe em nós.*

Leitora 2: No exemplo de liderança de Verônica e Alice vimos que fazer o trabalho de base traz consigo o desejo de mudança e a vontade de libertação. Qualquer pessoa pode assumir este caminho novo. Um caminho que leva a passagem da passividade para ação consciente e transformadora da realidade e das relações.

Leitora 3: Isso exige participação, esforço e dedicação. Fizemos trabalho de base porque acreditamos que somente o povo consciente de seu valor pode se libertar.

Música: *Eu quero ver, eu quero ver acontecer, um sonho bom, sonho de muitos acontecer.*

Dirigente: Vamos trocar umas idéias sobre o que nós ouvimos, o que entendemos e que nós pensamos sobre o TRABALHO DE BASE no MMC:

1. Qual o papel que Verônica e Alice exerceram na vida daquela comunidade?
2. Em nossa realidade, de que forma vamos resolver nossos problemas?
3. A partir deste encontro, como vamos dar continuidade para a organização de nosso grupo?

Dirigente: Nós do Movimento de Mulheres Camponesas acreditamos na capacidade de nossa própria organização, no estudo e nas lutas em defesa da vida, rompendo com tudo o que nos impede de sair de nosso comodismo, vivenciando novas relações na família, na produção, na comunidade, na sociedade.

Pois para nós TRABALHO DE BASE é o conjunto das ações organizadas pelas mulheres e pelo povo (reuniões, estudo, visitas, lutas, contatos pessoais, divulgação da luta pela vida, mutirões, atos de resistência e enfrentamento...). Essas ações possibilitam conhecer e entender a realidade para, a partir dos problemas vividos localmente, buscar, na prática-teoria uma nova prática social. Isso quer dizer que as lideranças populares têm a tarefa de ajudar o povo a encontrar soluções para seus problemas, possibilitando assim uma consciência nova enquanto mulher camponesa e feminista que descobriu o valor de sua própria libertação.

Fazer TRABALHO DE BASE é seguramente encontrar o farol que nos conduzirá às grandes mudanças, tanto das relações de gênero, de raça, etnia..., bem como, a mudança da estrutura social capitalista e patriarcal.

À medida que avançamos na capacidade de FAZER TRABALHO DE BASE, mais mulheres camponesas vão encontrando o rumo da libertação, deixando de ser objeto dos homens e do capitalismo, realizando-se como sujeitos sociais constituídos de dignidade.

Assim, nosso Movimento cresce e a luta da Classe Trabalhadora se FORTALECE!

O TRABALHO DE BASE é o ALICERCE de nosso MOVIMENTO.

Por isso dizemos: **A única luta que a gente perde é aquela que a gente abandona.** (*Mães da Praça de Maio, Argentina*)

Gesto concreto

- * Que tal o nosso grupo de mulheres organizar uma festa ou um almoço recuperando a cultura camponesa: pratos típicos, apresentações de músicas, trovas, repente, cordel, enfim aquilo que o povo e sua comunidade se identificam e gostam. Vamos usar a criatividade.

Orientações metodológicas:

O MMC existe para construir a libertação da mulher, produzir alimentos saudáveis e lutar pela transformação da sociedade para ter uma vida mais feliz para todas (os) com igualdade e dignidade.

1. Como podemos organizar o movimento de mulheres camponesas?

- ⊙ O nosso Movimento de Mulheres Camponesas começa sempre com um grupo de mulheres camponesas que querem melhorar sua vida e da família. Por isso, formam um grupo na comunidade que nós chamamos de grupo de base. Ali as mulheres se reúnem para conversar sobre suas vidas, seus interesses, suas dificuldades e como organizar-se para resolver os problemas e conquistar aquilo que as mulheres camponesas precisam.

- ⊙ No MMC temos também mulheres camponesas, militantes lutadoras, que nem sempre participam de um grupo de base específico, mas assumem a causa do movimento em diferentes espaços, buscando responder aos desafios colocados para as camponesas e para nosso movimento.
- ⊙ Essa situação é nova no MMC. Entretanto reafirmamos que o grupo de base continua sendo o alicerce do MMC.

2. Como reunir um grupo de base?

- ⊙ Convide todas as mulheres camponesas de sua comunidade para uma reunião. O convite pode ser feito de diversas maneiras, na comunidade, na escola, no grupo de reflexão, convite pessoal e outros meios de comunicação da comunidade. O convite verbal ou escrito deve deixar claro a data, o horário, o local e o assunto que vão conversar.

3. Como preparar uma reunião?

A reunião deve ser bem preparada para que as mulheres que participam se sintam bem. É importante que a dirigente que convocou a reunião observe as orientações a seguir:

- ⊙ A dirigente precisa providenciar o local, deixando-o bem acolhedor. Por isso, deve ser a primeira a chegar no local da reunião. Usar de criatividade e simbologia como: cartaz de boas vindas, vaso de flor, material do MMC, sementes, alguns símbolos do trabalho das mulheres, entre outros.
- ⊙ Escolher uma mensagem que combine com o assunto que irá ser tratado, bem como, cantos ou músicas que as mulheres conhecem. Também é importante ter momentos de descontração usando dinâmicas, exercícios, brincadeiras envolvendo o grupo.
- ⊙ A dirigente do MMC precisa se preparar bem. Combinar com quem vai coordenar a reunião e quem vai escrever o que se conversa. Para isso é fundamental organizar um caderno para assinar a presença nas reuniões e outro para escrever o debate feito e as decisões tomadas.

- ⊙ Ao iniciar a reunião desejar as boas vindas. Fazer uma música ou canto, mensagem. Em seguida fazer a apresentação. Só se dispensa a apresentação quando todas se conhecem. Se houver apenas uma pessoa nova no grupo todas devem se apresentar.
- ⊙ Falar do assunto da reunião e ver se o grupo tem outros assuntos que precisam ser discutidos. Se houver, combinar com o grupo a seqüência dos assuntos e definir o tempo de duração da reunião e o tempo que será gasto para cada assunto. É muito importante que todas estejam na reunião até o encerramento.
- ⊙ Ter o cuidado para que todas possam expor as idéias, respeitar a opinião, aprofundar, esclarecer as questões. Na hora de decidir precisa ter presente que o MMC luta pela libertação da mulher e pela transformação da sociedade. Diante do debate, das questões, avaliar os problemas que apareceram combinar com o grupo o que fazer e juntas buscar as soluções para nossas dificuldades ou problemas. Quem vai fazer? Como? Até quando?
- ⊙ Sempre é bom fazer uma avaliação rápida da reunião. Dizer: O que foi bom? O que precisa melhorar? Sugestões para as próximas reuniões?
- ⊙ Marcar a próxima reunião, data, local, horário e assunto.

4. Para coordenar/conduzir bem uma reunião a dirigente precisa:

- ⊙ Se preparar bem. Conhecer o assunto. Respeitar o tempo estabelecido. Ter pontualidade, ou seja, horário marcado para início e fim da reunião. Ela deve ser exemplo.
- ⊙ Estar bem atenta para à distribuição das tarefas para que todas possam ser realizadas.
- ⊙ A dirigente precisa expor o assunto. Não impor sua opinião. Primeiro ouvir a opinião do todas, depois dar sua opinião e na hora de decidir ir pela opinião da maioria e não pela sua opinião. Porém, a dirigente deve ter firmeza e ser coerente com a proposta do MMC.

- ⊙ A dirigente precisa saber passar a palavra para que todas possam falar. Evitar para que sempre as mesmas falem e decidam. Encorajar de um jeito animando para as mais tímidas dizerem o que pensam. Cuidar para que a discussão do grupo permaneça nos assuntos da reunião. Combinar com o grupo que todas precisam ouvir o que esta sendo discutido, portanto precisa evitar as conversas paralelas.
- ⊙ A Dirigente precisa ir para a reunião animada, alegre e com esperança para as mulheres sentirem-se bem na reunião. Por mais dificuldades, conflitos que possam aparecer na reunião procurar manter o equilíbrio e um clima agradável. É comum ter no grupo de base opiniões e idéias diferentes. A tarefa das dirigentes é mostrar a proposta do **Movimento de Mulheres Camponesas – MMC**, reafirmando que a libertação das mulheres precisa de organização e lutas coletivas. Nós já sabemos que **a libertação nunca foi nem será dada de presente, mas será obra do esforço e da organização coletiva.**
- ⊙ A dirigente deve lembrar que o grupo de base é o alicerce do Movimento de Mulheres Camponesas. Portanto somos parte do movimento nacional. Assim é fundamental que as dirigentes e o nosso grupo participem das atividades de lutas e formação no município, estado e em nível nacional.
- ⊙ O grupo de base do MMC vai se firmando e crescendo pelo envolvimento de todas. As tarefas devem ser distribuídas com o grupo para não sobrecarregar a dirigente. Na próxima reunião as dirigentes precisam cobrar as tarefas assumidas anteriormente, ver se todas conseguiram fazer e avaliar o resultado.

5. Na reunião as participantes do grupo de base precisam:

- ⊙ Cooperar com a dirigente para não criar tumultos e desvio do assunto a ser tratado.
- ⊙ Esperar sua vez para falar, nunca falando duas ao mesmo tempo ou com a vizinhas sentada ao lado. A opinião de cada uma é importante e por isso merece ser ouvida.

- ⊙ Colocar as idéias sem medo e sem vergonha.
- ⊙ Fazer crítica e dar sua opinião na reunião e nunca sair falando depois. Falar depois da reunião é dar remédio para defunto.
- ⊙ Cooperar, contribuir, somar e multiplicar as idéias acreditando sempre na força da unidade e organização do grupo.
- ⊙ Contribuir na organização de promoções a fim de arrecadar recursos para as despesas necessárias e ter um caixa de reserva para poder dar continuidade às atividades do grupo de base.
- ⊙ Pensar juntas uma forma agradável para o cuidado e atenção das crianças enquanto as mães estão na reunião.
- ⊙ Sugerir momentos de festas, pique-niques, brincadeiras... isso ajuda crescer na amizade e faz bem para a saúde.

6. Celebrar é preciso!

- ⊙ Na vida do Movimento de Mulheres Camponesas temos algumas datas importantes que são lembradas pelas mulheres lutadoras de forma celebrativa, de formação, de lutas para garantir os direitos, por exemplo:

8 de março – Dia Internacional da Mulher Trabalhadora e Lutadora,

28 de maio – Dia Nacional de Luta pela saúde da Mulher,

12 de agosto – Dia Nacional de Luta Contra a Violência no Campo, pela Reforma Agrária,

25 de novembro – Dia de Luta pelo Fim da Violência Contra a Mulher, entre outras.